

TEXTUALIDADE DIFERIDA EM NARRATIVA EM LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS VÍTIMAS DA ENCHENTE NO RIO GRANDE DO SUL

*NARRATIVE IN LIBRAS FOR DEAF CHILDREN VICTIMS OF THE FLOOD IN
RIO GRANDE DO SUL - "VICENTE AND THE FLOOD" THROUGH THE LENS
OF DIFFERED TEXTUALITY*

Priscila Silveira Soler¹

Vanessa Regina de Oliveira Martins²

RESUMO: Pesquisas apontam a falta de produções em língua de sinais para crianças surdas, especialmente em situação de aquisição tardia de linguagem. A videogravação tem sido um recurso técnico importante para a disseminação cultural e informacional às comunidades surdas, mas ainda são necessários estudos que articulem a produção midiática em língua de sinais para o público infantil. O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar as estratégias técnicas e linguísticas utilizadas na produção textual em Língua Brasileira de Sinais - Libras - da versão do livro "Vicente e a Enchente", destacando os aspectos específicos da textualidade diferida para o público infantil surdo. Utilizou-se o método da cartografia filosófica, com base nas filosofias da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para produzir um mapa analítico do território de pesquisa na articulação entre literatura, registro videogravado em Libras e a educação de surdos. Os resultados mostram que a textualidade diferida baliza a produção analisada, evidente na narrativa em Libras pela utilização de recursos tradutórios e imagéticos, e pelo uso do espaço neutro de sinalização e sua alternância na marcação referencial, características fundamentais nas línguas visuo-espaciais. Esse planejamento foi possível pela

¹ Doutoranda em Educação Especial e Mestra em Educação Especial (2022) pelo programa de pós-graduação em Educação Especial (CAPES 7) da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Bacharela em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). (2015 - 2019). Membro e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Membro do programa de pesquisa e extensão #CasaLibras (UFSCar/FAPESP/PROEX). Atualmente é professora substituta do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Realizou Pós-doutorado Sênior pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2023-2024). Doutora (2013) e Mestra (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) (2004). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - Atualize/Unibem (2007). Professora Adjunta IV no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (DPsi/UFSCar). Coordenadora e criadora do programa de pesquisa e extensão #CasaLibras (UFSCar/FAPESP/PROEX). Coordena um Grupo de Estudos em Educação e Filosofias da Diferença (GEEFiDi/UFSCar). Membro e pesquisadora da Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologias em Educação (RIIATE/UNISINOS).

separação do momento de enunciação composto pela escritura, seu estudo e gravação, possibilitando retomadas e análises do conteúdo videogravado. Os resultados destacam elementos de edição específicos para a produção de materiais destinados às crianças surdas em fase de aquisição tardia de linguagem.

Palavras chave: Educação especial; Libras; textualidade diferida.

ABSTRACT: Research indicates a lack of sign language productions for deaf children, especially in cases of late language acquisition. Videorecording has been an important technical resource for cultural and informational dissemination to deaf communities, but further studies are needed to integrate media production in sign language for young audiences. The aim of this work was to describe and analyze the technical and linguistic strategies used in the production of the Brazilian Sign Language (Libras) version of the book "Vicente e a Enchente," highlighting the specific aspects of deferred textuality for the deaf child audience. The method of philosophical cartography was employed, based on the philosophies of difference by Gilles Deleuze and Félix Guattari, to create an analytical map of the research territory at the intersection of literature, videorecorded content in Libras, and deaf education. The results show that deferred textuality guides the analyzed production, evident in the Libras narrative through the use of translational and imagistic resources, as well as the use of neutral signing space and its alternation in referential marking, which are fundamental characteristics in visual-spatial languages. This planning was made possible by separating the moment of enunciation into writing, study, and recording, allowing for re-evaluations and analyses of the recorded content. The findings highlight specific editing elements for producing materials intended for deaf children in the stage of late language acquisition.

Keywords: Special education; Libras; deferred textuality.

1 Introdução

O #CasaLibras é um programa de pesquisa, ensino e extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob o Processo nº 23112.004320/2021-18. O programa começou como um projeto de extensão para a produção de materiais literário-culturais em Língua Brasileira de Sinais (Libras)³ para crianças surdas, contando com a participação de muitos voluntários. Iniciado no começo da pandemia de COVID-19, o programa atualmente conta com aproximadamente 13 integrantes, entre docentes, alunos e técnicos administrativos da UFSCar. O objetivo inicial era promover produções culturais, literárias e de entretenimento em Libras para crianças surdas durante o período de isolamento social.

A atividade de extensão proposta nos direciona a positividade da liberdade de contar, interagir, afetar e ser afetado pela Libras e nesse processo deixá-la construir múltiplos sentidos entre os participantes, a partir de um fluxo discursivo compartilhado por eles na Libras. Ao olhar a liberdade de produção

³ Doravante apenas Libras como sigla de Língua Brasileira de Sinais.

das narrativas e adesão da comunidade surda pelas mídias digitais virtuais temos clareza da necessidade de investimento em produções como essas para que a acessibilidade viralize em muitas casas, em muitas salas de aula e contamine a política pública com o bem e a equidade de direitos (Martins, 2020, p. 12).

O programa #CasaLibras também está vinculado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), devido ao apoio dessas agências de fomento às pesquisas desenvolvidas, que impactaram positivamente a criação e o desenvolvimento de suas atividades extensivas. Durante a pandemia, o #CasaLibras surgiu como uma resposta à necessidade de promover atividades e serviços que favoreçam a inclusão social de surdos, beneficiando tanto a comunidade externa à UFSCar quanto a comunidade interna, incluindo a formação de tradutores e intérpretes de Libras e outros cursos de graduação. O programa foi desenvolvido a partir de pesquisas no campo da educação de surdos, que destacaram a carência de materiais pedagógicos em Libras para crianças surdas, especialmente para aquelas com aquisição tardia de linguagem. Nesse contexto, o #CasaLibras tem contribuído para práticas pedagógicas através dos materiais produzidos, conforme evidenciado em estudos anteriores (Martins, 2020a, 2020b, 2023).

O programa desenvolve diversas atividades, como a criação de mídias digitais com conteúdos literários em Libras por meio de videogravações, disponibilizados na plataforma *YouTube*, campeonatos literários em Libras, atividades interativas em escolas com alunos surdos e outras atividades lúdicas oferecidas em Libras. Segundo Martins (2020a), essa proposta de extensão incentiva a valorizar a liberdade de contar histórias, interagir, ser afetado e afetar por meio da Libras, permitindo que múltiplos significados sejam construídos pelos participantes através de um fluxo compartilhado na língua de sinais. Ao considerar a liberdade na criação de narrativas e o envolvimento da comunidade surda através das mídias digitais, fica evidente a importância de investir em iniciativas desse tipo para promover a acessibilidade em casas, salas de aula e influenciar políticas públicas em prol do bem-estar e da equidade de direitos dos alunos surdos, sobretudo da produção cultural e informacional em Libras.

Atualmente o canal do programa conta com mais de 70 vídeos produzidos em Libras voltado à crianças surdas com tradução em Língua Portuguesa para crianças ouvintes. Destes vídeos, 54 são narrativas livres com contação de histórias de memória por pessoas com domínio da Libras, surdos e ouvintes, adultos, crianças e adolescentes e 35 traduções literárias, contemplando livros didáticos, músicas, livros literários, contos e hinos. Segue imagem que sintetiza um pouco a produção do #CasaLibras, estando diretamente integrada no Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi), da Universidade Federal de São Carlos, vinculado ao diretório de pesquisa do CNPq.

Figura 1 - Relações entre pesquisa, ensino e extensão e emergência do #CasaLibras



Fonte: Elaborado pelas autoras

A última tradução cultural realizada neste programa de extensão foi a produção em vídeo da história "Vicente e a Enchente", publicada em 19 de junho de 2024. Essa produção tem sido amplamente divulgada em diversas fontes jornalísticas, destacando a qualidade da iniciativa de criar um material em Libras voltado para crianças surdas afetadas pelo desastre natural ocorrido no Rio Grande do Sul. Abaixo estão as imagens da obra original e da capa com as alterações feitas na versão em Libras produzida pelo #CasaLibras.

Figura 2 - Capa do Livro original e da versão em Libras produzida pelo #CasaLibras



Fonte: Recuperado do acervo UFRGS e do canal do #CasaLibras. Link de acesso: <https://www.youtube.com/c/CasaLibrasUFSCar/videos>. Acesso em: 19 jun.2024

Como mencionado, as produções deste programa são realizadas tanto por pessoas surdas quanto por ouvintes fluentes em Libras. O programa, no eixo de produção literária em Libras, serve como um espaço para o compartilhamento de textos videogravados nesta língua e para a promoção do registro de conteúdos artístico-literários destinados a alunos surdos de diversas faixas etárias. A produção midiática de conteúdos em língua de sinais tem se mostrado crucial para a eficácia da educação bilíngue, na qual Libras é a língua matriz e a língua portuguesa é a língua adicional na modalidade escrita, conforme a demanda das comunidades surdas (Campello; Rezende, 2014). Essa abordagem foi recentemente regulamentada com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 2021, que instituiu a nova

modalidade bilíngue de ensino (Brasil, 2021).

Sobre o conceito de língua matriz e língua adicional na educação de surdos, as autoras Soler e Martins (2024) destacam que, para surdos sinalizantes, não há uma oposição entre essas línguas, mas sim uma complementaridade de uso atuando diretamente em sua constituição subjetiva. Isso ocorre porque ambas as línguas são utilizadas conforme as situações reais de uso a partir de um contexto social de funcionamento. No caso dos surdos sinalizantes brasileiros, a Libras tem um papel especial como língua do coração, oferecendo maior afeto e conforto subjetivo. Ela é fundamental na formação das concepções sociais dos indivíduos. Por outro lado, a língua portuguesa desempenha uma função pragmática no cotidiano, servindo como língua política e majoritária, onde as negociações sociais ocorrem e se destacam.

Embora pesquisas como as de Martins e Soler (2024) assegurem a importância da Libras na formação subjetiva das pessoas surdas, sua presença no campo escolar, como língua de instrução e ensino, ainda enfrenta desafios. Com o aumento da visibilidade da língua de sinais devido a ações afirmativas e políticas inclusivas voltadas à proteção de grupos minoritários, a educação tem sido desafiada a desenvolver políticas que valorizem o ensino dos surdos na língua de maior afeto, a Libras. Além disso, é essencial incorporar recursos didático-pedagógicos que apoiem o ensino em e pela Libras.

Nesse contexto, Peluso (2022) argumenta que os vídeos em língua de sinais devem integrar a produção do ensino de surdos, pois promovem uma tecnologia de captura e registro dos enunciados em Libras. Quando planejados adequadamente, esses vídeos podem compartilhar características com a cultura da escrita, estabelecendo paralelos entre o registro em Libras e a cultura letrada em língua portuguesa dentro das comunidades surdas. Ao considerar a escrita e as videograções como registros enunciativos, não se trata apenas da imagem gráfica e do som, mas também de sistemas de escrita que representam unidades morfológicas, como os sistemas logográficos (Sampson, 1996). Por outro lado, as gravações áudio e visuais operam de maneira registral, capturando os falantes produzindo seu texto e registrando som, visualidade ou ambos (Peluso, 2022).

A textualidade diferida, um conceito desenvolvido por Peluso (2022) e utilizado neste artigo, destaca a importância de valorizar produções videogravadas como um espaço de promoção cultural. Ao registrar textos em língua de sinais, promove-se o letramento social de pessoas surdas.

Peluso (2018, 2019, 2022) explica que há duas formas de produzir a textualidade diferida: pela escrita ou por videograções. Estas duas materialidades permitem construir um texto que, para o leitor, separa o autor do momento de enunciação de maneira planejada e com intencionalidade discursiva. Portanto, a textualidade diferida pode ser realizada nestas duas modalidades distintas, sendo que a segunda tem beneficiado mais a comunidade surda⁴, conforme apontado pelo autor em seus estudos. Este conceito refere-se à maneira como textos

⁴ Peluso (2018, 2019, 2022) discute a textualidade diferida em línguas orais e de sinais, destacando duas modalidades de representação gráfica: a escrita e a videogração. Essa abordagem inclui tanto a escrita de línguas orais quanto a escrita em línguas de sinais, ainda que o autor não aprofunde a pesquisa sobre a escrita de sinais nas comunidades surdas. Em seus estudos, ele observa que a textualidade diferida videogravada é a modalidade mais amplamente utilizada pelas comunidades surdas. Contudo, é relevante destacar a importância da escrita em língua de sinais como uma forma de textualidade diferida. Esta escrita representa uma modalidade de registro visual defendida por várias pesquisas e oferece benefícios significativos para as comunidades surdas. Estudos apontam que a escrita de sinais pode ampliar o acesso à informação, fortalecer a autonomia na comunicação textual e criar novas possibilidades de interação cultural e educacional entre surdos, enfatizando, assim, a importância dessa tecnologia visual para a inclusão e representação das línguas de sinais (Stumpf, 2017).

em língua de sinais podem ser gravados e armazenados para posterior visualização ou leitura. Nesse sentido, Peluso (2018) foca na textualidade diferida e sua aplicação na educação de surdos, especialmente por meio de videograções, considerando a modalidade espaço-gesto-visual das línguas de sinais. Ele observa que, nas práticas pedagógicas, as línguas orais foram tradicionalmente associadas ao uso da escrita como ferramenta de interação e registro de conteúdos educativos. Já no caso das línguas de sinais, as práticas pedagógicas concentram-se quase exclusivamente em interações face a face, ou seja, na oralidade discursiva, levando-as a serem vistas como línguas ágrafas, com pouco uso da videogração. Para registro pedagógico, é comum que as práticas educativas com surdos recorram à escrita de uma língua oral, como o português no Brasil, em vez de utilizar a escrita de sinais ou videograções em Libras. No entanto, Peluso propõe que as videograções em línguas de sinais também sejam consideradas uma forma válida de textualidade diferida, questionando a visão de que a escrita é o registro predominante nas sociedades. Segundo ele, as videograções permitem a criação de um arquivo cultural e literário acessível a toda a comunidade surda e contribuem para a promoção de uma cultura letrada, valorizando a especificidade das línguas de sinais.

Peluso (2019, p. 6) afirma que, nas novas culturas pluritecnológicas, especialmente nas comunidades surdas, apesar das pesquisas sobre a escrita de sinais, essa prática ainda não é amplamente difundida nem utilizada. Destacamos, entretanto, que no Brasil não há consenso nacional sobre a prevalência, difusão e uso da escrita de sinais ou da videogração como sistemas de representação, e qual deles seria mais adequado para as comunidades surdas. O autor, porém, destaca a relevância pedagógica da videogração no contexto escolar. Nossas pesquisas (Martins, 2020, 2023) também apontam o potencial educativo da videogração com alunos surdos, reforçando sua importância nesse ambiente. Portanto, é fundamental distinguir as funções da textualidade diferida nas duas modalidades – escrita e videogração – reconhecendo as contribuições de cada uma para o desenvolvimento educacional das comunidades surdas. Peluso (2019) destaca ainda, a necessidade de tecnologias que permitam construir textos (videogravados) que possam ser manipulados fora do momento de sua enunciação. Outro ponto relevante ao falarmos de textualidade diferida em língua de sinais é que as produções tem inferências positivas que contribuem para a educação (bi)(pluri)língue de surdos, outrossim, também para as práticas de tradução de línguas de modalidades diferentes, porventura das línguas orais para as línguas de sinais, como por exemplo, as produções na direção Língua Portuguesa para Libras.

2 Contextualização da obra Vicente e a enchente: relevância da produção de sua versão em Libras

No Brasil, entre o final do mês de abril e início de maio de 2024, houve uma tragédia de grandes proporções no estado do Rio Grande do Sul, sendo considerada a maior da história do estado. Chuvas intensas resultaram em graves inundações, afetando mais de 2,4 milhões de pessoas em 478 municípios. A precipitação pluviométrica acumulada em algumas regiões chegou a 700 mm, o que é equivalente a um terço da média anual do estado.

Essa catástrofe climática causou a destruição de cerca de 200.000 casas e levou muitas pessoas a procurarem por abrigos temporários (escolas, universidades). O intuito desses abrigos foi amenizar o estado de privação e vulnerabilidade vivido pelo povo gaúcho, pois a perda foi de grandes proporções; pessoas perderam suas casas, familiares, amigos e bens.

A Secretaria do Desenvolvimento Social (SEDES) do Rio Grande do Sul no final do mês de maio realizou o Censo dos Abrigos para coletar dados com o perfil da população acolhida. Os dados revelaram que haviam cerca de 74.100 pessoas em abrigos, sendo categorizadas conforme a figura abaixo.

Figura 3 - Quantidade de pessoas nos abrigos



Fonte: Elaborado pelas autoras

As catástrofes representaram um desafio monumental para todas as pessoas, mas para aquelas com deficiências, esse desafio foi ampliado e representou grandes riscos. As ruas alagadas se tornaram dispostas confusamente, a ponto de não se saber onde se está. A falta de acessibilidade e de informações acessíveis colocam vidas em grave perigo.

Além disso, muitos também sofreram com a perda de equipamentos essenciais como bengalas, óculos, lupas, aparelhos auditivos, cadeiras de rodas e muletas, elementos cruciais para sua autonomia e integridade.

A ausência de avisos sonoros para pessoas com cegueira ou baixa visão, guias táteis, rampas e passagens rebaixadas para as pessoas com mobilidade reduzida, a falta de acessibilidade linguística para as pessoas surdas, frequentemente deixou esse público em situações de extrema fragilidade e desamparo, fazendo com que a experiência fosse uma batalha solitária para a maioria.

Dentre esse contingente de pessoas com deficiência nos abrigos, não se pode afirmar ao certo quantas são surdas, adultos ou crianças. No entanto, é certo afirmar que nenhuma pessoa que passou por essa situação foi isenta de ter afetada sua saúde mental e psíquica.

Durante o desastre natural houve uma intensa mobilização a fim de apoiar as pessoas que estavam vivendo neste estado de calamidade, muitas das ações ocorreram à distância, como por exemplo, o atendimento psicológico às vítimas. Essas iniciativas possibilitaram que o apoio alcançasse cidades com o maior número de pessoas abrigadas.

Embora não existam dados estatísticos oficiais precisos, sabe-se que muitos surdos foram gravemente afetados pelo desastre climático. A Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul

(SSRS), uma entidade sem fins lucrativos, dedicada à comunidade surda de Porto Alegre (RS), relatou que aproximadamente 40 indivíduos surdos perderam suas residências e todos os seus bens devido às enchentes. Para auxiliar essas vítimas, a organização promoveu uma campanha de solidariedade. Comunidades surdas de diversas regiões do Brasil se mobilizaram em apoio, realizando diversas ações. Um destaque foi a ação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que, por meio de sua direção geral, manifestou solidariedade à população do Rio Grande do Sul, enfrentando dificuldades severas devido às inundações. Como parte desse apoio, o INES compartilhou a chave Pix da SSRS para arrecadar doações.

Figura 4 - Logo da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul



Fonte: Recuperado do Instagram @ssrsocial

Outros coletivos também se manifestaram em apoio à comunidade surda gaúcha. Um exemplo é a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), que divulgou uma nota de solidariedade à população do Rio Grande do Sul. A nota incentivava a população a participar de ações voluntárias, que incluíam doações de alimentos, roupas, medicações e contribuições financeiras, além de oferecer apoio por meio de compartilhamento de conhecimentos, como cursos, palestras e atividades voltadas ao suporte emocional para aqueles que enfrentaram esses momentos difíceis.

Outra iniciativa significativa foi a da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, que lançou um serviço de intérprete de LIBRAS disponível 24 horas por dia no formato online para a população surda. Este serviço, inédito no Estado, ofereceu suporte tanto para surdos que precisavam se comunicar quanto para ouvintes que desejavam fornecer informações e orientações. Através de um aplicativo disponível para download nos sistemas Android e iOS, as pessoas surdas puderam acessar a plataforma para solicitar socorro ou entrar em contato com familiares e amigos. Este serviço foi disponibilizado pela ICOM, uma das principais plataformas de tradução simultânea do país, que surgiu a partir de uma iniciativa da AME, uma entidade que há mais de 30 anos atua para promover a inclusão de pessoas enfrentando barreiras e desvantagens na sociedade.

Figura 5 - Imagem de divulgação do serviço de interpretação 24 horas

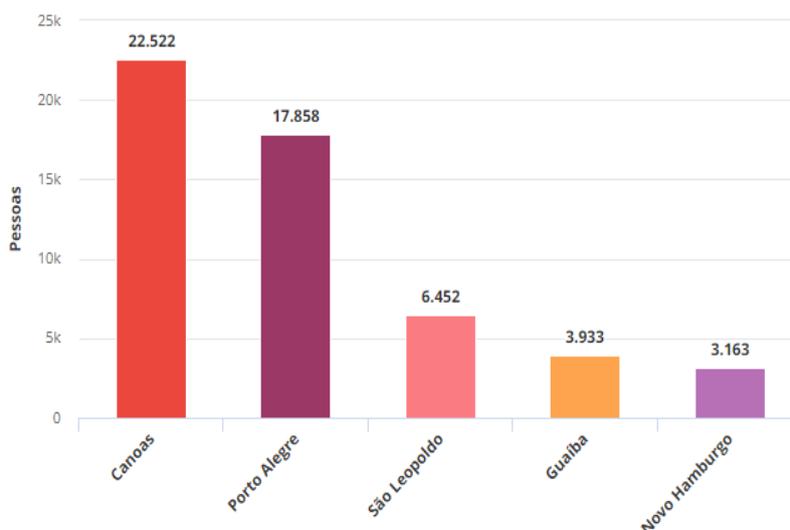


Fonte: Recuperado do site da Defesa Civil - RS

Link de acesso: <https://defesacivil.rs.gov.br/estado-lanca-servico-24-horas-de-interprete-em-libras-no-formato-on-line>. Acesso em: 22 maio 2024

Segundo o levantamento do Censo do RS (2024) as cidades que mais abrigaram pessoas foram:

Figura 6 - Cidades com mais pessoas abrigadas



Fonte: Recuperado de Sedes/RS

Uma das iniciativas para apoiar as crianças vítimas da tragédia foi realizada pela

psicóloga gaúcha Marina Fim de Campos, a qual escreveu o livro "Vicente e a Enchente" e o disponibilizou de forma gratuita nas redes sociais. O objetivo do livro foi de fornecer suporte psicológico para as crianças que passaram por essa experiência traumática. A história foi criada para ser um recurso terapêutico e de apoio emocional-psicológico, oferecendo uma narrativa que as crianças poderiam se identificar e, assim, processar melhor o que vivenciaram durante o desastre natural.

Com a finalidade de manter a equidade de acesso do material tanto para ouvintes como para surdos, foi desenvolvida uma parceria com a autora do livro "Vicente e a Enchente" para que a narrativa tivesse uma versão em Libras como parte da parceria da autora com o programa #CasaLibras.

A versão adaptada da obra em Libras deste livro está disponível em livre acesso no *YouTube*⁵ por meio do canal #CasaLibras. Este recurso audiovisual permitiu que crianças e adolescentes surdos, vítimas desta catástrofe, tivessem acesso à história de Vicente, ajudando-as a lidar com os impactos emocionais das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024.

A análise do produto final desta obra, especialmente em sua textualidade diferida produzida pela versão do #CasaLibras e o alcance dessa produção em espaços escolares, pode indicar a relevância de iniciativas desse tipo. Além disso, essa análise pode auxiliar no aprimoramento de produções videogravadas direcionadas a crianças surdas por produtores de conteúdos desta natureza.

3 Percorso teórico metodológico de desenvolvimento do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo-descritivo com o objetivo de descrever e analisar as estratégias técnicas e linguísticas utilizadas no processo de produção textual em Libras da versão do livro "Vicente e a Enchente" para que se possa apontar aspectos formativos para produtores de materiais videogravados para o público infantil surdo. Este estudo está sendo realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi), do qual as duas autoras são pesquisadoras integrantes, em parceria direta com o Professor Leonardo Peluso, docente da Universidade da República (Udelar/Uruguai).

Portanto, essa análise apresentada neste trabalho é um recorte de uma pesquisa maior produzida no GPESDi, a partir do programa #CasaLibras. Utilizamos a perspectiva cartográfica, com base nas filosofias da diferença, para promover o registro de novas territorializações promovidas pela abordagem social da surdez. O objetivo do procedimento cartográfico usado é o de afirmar a presença da Libras como língua de construção de saberes, responsável pelos processos de subjetivação de vidas surdas, e observar como essa recém-afirmação cultural tem adentrado nos espaços escolares.

O uso da cartografia como processo teórico-metodológico de pesquisa, pelas filosofias da diferença, especialmente nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, requer produzir um mapa analítico do território de pesquisa investigado, sobretudo nos agenciamentos subjetivos que dele emanam. Dessa forma, caminhando na direção de construir representações para facilitar a compreensão por meio de esquemas visuais. A cartografia nesse sentido, não se ocupará de territórios físicos, mas de territórios os quais sejam conceituais e relacionais, como os processos de subjetivação. Oliveira e Mossi (2014) destacam que ao fazer a cartografia o

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=X_ZnPGJLqEg. Acesso em: 19 jun. 2024.

pesquisador se coloca atento aos pequenos processos da pesquisa ao descrever o plano analisado. Participa ativamente da composição analítica ao ser afetado pelo território investigando, apontando as linhas de sua composição: as mais normativas, as mais cotidianas e as de resistência de grupos sociais.

A cartografia como estratégia metodológica surge justamente da necessidade de métodos que não apresentem somente os resultados finais da pesquisa desconsiderando os processos pelos quais a mesma passou até chegar à sua instância final, mas que acompanhem seu percurso construtivo sempre em movimento e o percebam como algo incompleto, transitório e que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las (Oliveira; Mossi, 2014. p. 191).

Nesta pesquisa, focaremos no campo literário surdo, com ênfase na territorialização de produções videogravadas em Libras, como a obra “Vicente e a Enchente,” selecionada para análise. Além disso, abordaremos as lacunas enfrentadas por certos grupos dentro da comunidade surda que têm acesso limitado a informações e interações em Libras. Essas lacunas são resultantes das condições subjetivas de uso de variedades linguísticas da língua de sinais, como os gestos caseiros usados por crianças em fase de aquisição tardia de linguagem, adolescentes e jovens surdos com pouca familiaridade com a padronização da Libras, um movimento que ganha força desde a criação de cursos de graduação em Libras em nível nacional. Portanto, este trabalho se concentrará em dispositivos alternativos, que, embora não tradicionalmente abordados pelos discursos científicos, são potencialmente formadores e criadores de uma discursividade diferenciada em Libras, com foco nas particularidades voltadas às crianças surdas.

Sobre os procedimentos metodológicos de produção do vídeo definimos quatro etapas, a saber: 1. produção da versão em Libras, em videogração com chroma key; 2. primeira versão visual, edição visual 1, com acréscimos de elementos imagéticos; 3. retomada do vídeo com a edição 1 para tradução da língua portuguesa por meio da voz, com base na produção em Libras e não na escrita do livro, 4. edição 2 com inserção do áudio da tradução do português e a inserção de trilha sonora para que o vídeo seja acessível também às crianças ouvintes. Inserção de capa da produção. As análises foram realizadas a partir de conceitos das filosofias da diferença, no âmbito da cartografia subjetiva de produções culturais e dos estudos da tradução e interpretação em língua de sinais.

Ao final, a produção resultou em 9 minutos e 12 segundos de narrativa. Nossa análise foi realizada a partir de duas abordagens: a produção discursiva em Libras e a edição imagética na versão final.

4 Resultados e discussão

Nesta seção, faremos a análise do vídeo apresentado, trazendo alguns recortes imagéticos da narrativa para fomentar a discussão acerca das escolhas técnicas e linguísticas da versão literária da obra “Vicente e a Enchente” em Libras. Iniciamos apresentando a capa elaborada para a narrativa em vídeo, a qual foi retirada do canal do projeto #CasaLibras na plataforma do *YouTube*.

Figura 7 - Capa da narrativa em Libras



Fonte: Recuperado do canal no YouTube #CasaLibras UFSCar

Na imagem de capa da narrativa em Libras, os editores do programa optaram por utilizar a mesma capa da obra original, mas com alguns acréscimos: o logo da universidade, o logo do curso e o logo do projeto. Além desses elementos, houve a menção à narradora em Libras, com a adição de sua foto e seu nome. A escolha da imagem da narradora com uma expressão cálida e triste foi feita por se assemelhar à ilustração do garoto na capa e também à temática retratada na história. Se optássemos por uma imagem com expressões sorridentes da narradora, não seria adequado para o contexto apresentado e nem correspondente às expressões faciais do personagem principal em destaque na imagem da capa.

Na figura abaixo, a narradora usa como estratégia a indicação dos referentes no discurso em Libras, diferenciando o narrador e o personagem a partir das vestimentas: camiseta branca e preta. Portanto, a utilização de cores diferentes foi intencional, para que a criança surda pudesse diferenciar o momento em que o narrador enuncia e quando ele incorpora, em Libras, a personificação de Vicente, em situação de discurso em primeira pessoa no texto.

Para a produção de um texto, há uma intencionalidade do autor na construção de seu discurso. O autor precisa pensar para quem o texto se dirige, como e quando fará uso do discurso direto e indireto, e organizar um mapa conceitual que conduza a forma de apresentação de seu discurso pela escrita. Isso ocorre porque a textualidade deve ser intencional e precedida de um planejamento discursivo. Em língua de sinais, a produção gravada de conteúdos tem o mesmo rigor e deve ser produzida com igual intencionalidade, a partir das demandas que a materialidade de uma língua espaço-gesto-visual aponta, e mais: deve-se pensar nas variedades linguísticas da língua de sinais e seus usos por crianças e jovens, sobretudo os com vulnerabilidade de contato prévio com essa língua.

Na textualidade diferida, as estratégias verbais e não verbais do planejamento do discurso devem ser cuidadosamente planejadas. Além do narrador em Libras, há a figura do editor. Os elementos não verbais precisam ser coordenados entre o narrador em Libras e o editor, garantindo paridade intencional entre o conteúdo verbal e não verbal. Peluso (2019) afirma que a textualidade diferida é criada para ser compreendida em um contexto diferente daquele em que foi produzida. Ela deve ser afetada por uma tecnologia da linguagem que retira

o texto do seu contexto de enunciação, transformando-o em um objeto físico independente do enunciador.

[...] é produzida para ser compreendida em um contexto diferente daquele em que foi produzida. Para que isso possa ocorrer, essa textualidade deve ser afetada por uma tecnologia da linguagem, ou seja, por uma tecnologia que tem como objetivo retirar o texto do seu contexto de enunciação, transformando-o em um objeto físico independente do enunciador. Essa tecnologia faz com que o texto diferido se distinga daquele que, por não ser diferido, permanece imerso no contexto conversacional. - tradução nossa (Peluso, 2019, p. 4)

Dessa forma, o texto diferido não permanece imerso no contexto conversacional original. Para o autor, a textualidade diferida é produzida pela aplicação de uma tecnologia sobre a linguagem e quando isso ocorre, a linguagem é modificada em suas estruturas e funções, dessa forma, as estruturas sintáticas e os campos lexicais irão se expandir para acomodar expressões que não foram contempladas na oralidade., assim, deve-se ser capaz de gerar um texto que possa ser recuperado e compreendido fora das coordenadas temporais e espaciais de sua enunciação.

Nascimento (2017 *apud* Nichols, 2016) aborda a questão das produções audiovisuais para crianças surdas e como diferentes modos de exibição de vídeos e janelas influenciam a literatura infanto-juvenil para essas crianças. Nichols (2016) discutiu a recepção de literatura infanto-juvenil por crianças surdas através de materiais audiovisuais e observou três modelos de histórias traduzidas para a língua de sinais e seus efeitos subjetivos em crianças surdas. Ele apresentou vídeos para alunos do quinto ano de uma escola particular bilíngue para surdos em um município do estado de São Paulo e analisou a compreensão dos alunos e como a literatura influencia sua constituição subjetiva. Para Nascimento (2017) o estudo contribuiu para a tradução e o papel da literatura infanto-juvenil para as crianças surdas com diferentes modos de exibição de vídeos e janelas.

Para Nichols (2016), a análise dos dados revelou que dois fatores são essenciais para a compreensão de histórias em vídeo por crianças surdas: a imagem e a experiência na arte literária do narrador/tradutor. Durante a pesquisa, notou-se que, em vários momentos das narrativas das crianças participantes, a imagem desempenhou um papel crucial na formação do significado da história. Para as crianças surdas, a imagem frequentemente assume um valor semântico mais forte do que os sinais

Para Nascimento (2017, p. 463) nas produções audiovisuais acessíveis, que vão desde as iniciativas iniciais promovidas pela Lei de Acessibilidade (10.098/00) até as mais recentes propagandas político-partidárias, a inclusão da janela de Libras em materiais midiáticos tem sido implementada com foco apenas na captura e edição da imagem do tradutor e do intérprete, sem considerar as particularidades dos gêneros discursivos e como essas produções são recebidas e circulam entre os surdos.

Nascimento (2021) realizou uma investigação sobre as produções de traduções audiovisuais indicando a preferência do público surdo nos resultados de sua pesquisa. Os participantes surdos afirmaram que nas produções audiovisuais há a preferência pela evidência na língua de sinais como parte da linguagem audiovisual e não separada do plano maior. Ou seja, o plano maior e a sinalização devem estar em conjunto. E isso, indica que, diferente do

normativo, “a proposta da ABNT com fundo branco foi a que recebeu a pior avaliação em todos os gêneros” (Nascimento, 2021, p.23).

Na história “Vicente e a Enchente” a escolha, de manter a janela de Libras com uma dimensão maior do que a indicada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que criou, em 2005, a norma brasileira (NBR) 15.290/05 para a acessibilidade em comunicação na televisão, se deve a importância do foco dado à Libras às crianças surdas em desenvolvimento de linguagem que foi pensada nesta edição pelo #CasaLibras. Outro destaque é a escolha da janela manter-se com a mesma cor da imagem do livro, como um *continuum* dela, ou seja, o narrador não é um adendo ao vídeo, mas faz parte da obra. ’

Figura 8 - Recursos visuais não verbais: cores da vestimenta do narrador e do personagem



Fonte: Recuperado do canal no YouTube #CasaLibras UFSCar

Peluso (2018) afirma que o objetivo do texto no sentido de sua transformação em um objeto físico, é outro dos efeitos da escrita, e que se vê nas videogravações, como está apresentada, já que permite manipulação, e faz dele um objeto que pode ser interpretado, modificado e reescrito. Isso não ocorre com o que é dito no contexto da oralidade.

A objetivação do texto, no sentido de sua transformação em um objeto físico, é outro dos efeitos da escrita. Ao representar as diferentes unidades da linguagem por meio de marcas visíveis (ou táteis, no caso do Braille), o texto escrito adquire uma consistência física. Enquanto na oralidade algo é efêmero e intangível, na escrita se torna permanente e manipulável. O texto escrito se converte em um objeto independente. A capacidade de tornar o texto permanente e disponível em um suporte que permite manipulação faz dele um objeto que pode ser interpretado, modificado e reescrito. Isso não ocorre com o que é dito no contexto da oralidade. (Peluso, 2018, p. 6) - tradução nossa

Figura 9 - Marcação numérica por meio da bóia



Fonte: Recuperado do canal no YouTube #CasaLibras UFSCar

Na imagem da figura 9, por meio da edição de vídeo foi realizada a inserção da imagem dos três personagens conforme apresentado no ebook com a narrativa escrita em língua portuguesa, nesse trecho optamos por adicionar a imagem no mesmo momento em que a narradora utiliza a marcação numérica em Libras. Após a marcação numérica feita com a utilização de numeral descritivo, pela técnica tradutória do uso nomeado por 'bóia', em destaque na imagem, os personagens são apresentados individualmente com seus respectivos nomes e sinais em Libras.

Outros recursos técnicos de edição foram utilizados como estratégia da narrativa em Libras, no momento em que Vicente explica sobre as emoções que surgem devido a situação de vulnerabilidade vivenciada nas enchentes, optamos por adicionar a imagem do personagem sinalizando e simultaneamente, à esquerda, a ilustração representando determinado sentimento. Na figura abaixo observa-se a representação da sensação de medo acentuada por meio da expressão facial e ao lado direito a ilustração do livro representando o medo.

Figura 10 - Representação dos sentimentos



Fonte: Recuperado do canal no YouTube #CasaLibras UFSCar

Uma das estratégias utilizadas foi a do espaço sub-rogado. Liddell (1995) define o espaço

sub-rogado na Língua de Sinais Americana como 'um espaço imaginado e estável que é utilizado para representar entidades ou locais que não estão presentes no ambiente físico imediato' (p. 27).

Ao final da produção a narradora agradece a autora do livro, entretanto, com a intencionalidade em não aparentar uma imagem abstrata para a criança surda, no momento da gravação a narradora optou por agradecer a autora utilizando o movimento de giro do tronco, e no momento da edição foi feita a inserção da fotografia da autora.

Na imagem da figura 11 fica evidente que tanto a movimentação do tronco lateralizado, quanto a atitude e o direcionamento do olhar acompanham a proposta inicial de marcar a presença da autora.

Figura 11 - Utilização do espaço sub-rogado



Fonte: Recuperado do canal no YouTube #CasaLibras UFSCar

As estratégias de edição, narração e incorporação do personagem só foram factíveis devido ao planejamento prévio da construção de um cenário. A produção textual dessa narrativa em Libras com a utilização de diversos recursos somado ao uso dos espaços e sua alternância é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais; e esse planejamento só foi possível devido a separação do momento de enunciação composto por escritura e ao estudo dela e também gravação, o que nos possibilitou retomadas e análises do conteúdo videogravado.

Para Peluso (2018) tanto a escrita quanto as gravações visuais têm semelhanças notáveis, mas diferem significativamente em como representam a linguagem e registram o discurso, afetando assim o processamento da linguagem e o desenvolvimento das funções metalinguísticas e metacognitivas.

Embora existam grandes semelhanças entre a escrita e as gravações visuais, também há diferenças significativas. Essas diferenças decorrem principalmente do fato de que as gravações visuais operam registrando simultaneamente o discurso do falante e sua gravação, enquanto a escrita utiliza um sistema extralinguístico para representar as unidades da linguagem. A escrita é uma tecnologia representacional, enquanto as gravações visuais são uma tecnologia de registro. Ambas alcançam o mesmo objetivo de fixar o texto e, assim, gerar textualidade diferida, porém diferem substancialmente na maneira como o

fazem e nas consequências disso para o processamento da linguagem e para o aumento das funções metalinguísticas e metacognitivas. (Peluso, 2018, p. 10) - tradução nossa

Tais princípios têm mostrado a construção de um novo território surdo, distante dos territórios narrados pela ótica e enunciados da deficiência, mas que traz agenciamentos das especificidades linguísticas, como por exemplo, a educação bilíngue, ou plurilíngue de surdos, objetivando o desenvolvimento e aquisição de linguagem de crianças surdas.

Conceição-Andrade (2022) alega que na década de 80, começou a formação de um espaço que englobava práticas discursivas das pessoas com deficiência (PCDs) e dos surdos, buscando direitos através de políticas públicas para sua inclusão em diferentes áreas sociais, especialmente através da acessibilidade. Houve um movimento contra a maneira como os surdos eram representados dentro dos territórios das PCDs, destacando a importância dos estudos que reconhecem as diferenças linguísticas dos surdos além da necessidade de corrigir o foco exclusivo na língua oral e na adequação dos corpos.

Dessa forma, a produção baseada nos aspectos da textualidade diferida reafirma a reivindicação das comunidades surdas por um território distinto que reconheça essa forma de comunicação, forjada em suas diferenças pela e com a língua de sinais. Quando pensamos em crianças surdas, é necessário considerar, dentro do grupo de pessoas surdas, as especificidades materiais para a videogravação. Isso inclui, além da ampliação da janela de Libras, a centralidade e o destaque do narrador para direcionar o olhar das crianças aos enunciados produzidos por sinalizadores, evitando a poluição visual que possa desfocar sua atenção. É importante utilizar imagens auxiliares que contribuam para a compreensão dos enunciados, especialmente quando, devido à falta de vocabulário em Libras, a criança teria dificuldade em entender os sentidos sem esse suporte. Deve-se evitar o uso de dactilologias, optando por contextualizar os enunciados com discursos explicativos de conceitos, reduzir o rebuscamento da sinalização, e explorar a expressividade imagética e as traduções intralinguais no discurso. Destacamos esses elementos como parte do território de produção infantil que compõem a síntese de nossa análise cartográfica do vídeo.

5 Considerações finais: uma cartografia dos *afectos* promovidos por essa obra

Com menos de dois meses, o vídeo “Vicente e a Enchente” já teve mais de 600 visualizações no canal do #CasaLibras, recebendo muitos comentários positivos. Algumas escolas de surdos do Estado do Rio Grande do Sul também pediram para disponibilizar a produção em seus sites. Vale ressaltar também, que houve repercussão dentro da comunidade ouvinte⁶, como entrevistas e reportagem sobre a criação do material, dessa forma, atingindo também as crianças ouvintes. Essa repercussão mostra a relevância do material, especialmente para a população surda, dado o contexto social de sua emergência, mas também, a importância

⁶ Reportagens da repercussão dessa produção ao público surdo podem ser verificadas nestes link compartilhados: <https://www.saocarlosagora.com.br/entretenimento/video-feito-em-sao-carlos-busca-ajudar-criancas-surdas-afetadas-pelas/171298/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

<https://www.ufscar.br/noticia?codigo=16087&id=video-busca-ajudar-criancas-surdas-afetadas-pelas-enchentes-do-rs>. Acesso em: 19 jul. 2024.

<https://saocarlosnotoque.com/video-busca-ajudar-criancas-surdas-afetadas-pelas-enchentes-do-rs/>. Acesso em: 29 jul. 2024,

de seu alcance às crianças ouvintes, bem como, a difusão da língua de sinais.

No momento da catástrofe, houve uma forte mobilização social para apoiar um coletivo de pessoas surdas que perderam suas casas. Associações de surdos de todo o país, bem como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e instituições federais de ensino, produziram lives, formações pagas e campanhas para arrecadar fundos para a associação de surdos do Rio Grande do Sul, que acolheu essas pessoas.

É pela mobilização ativa de uma produção direcionada a um público frequentemente marginalizado, as crianças surdas, que trazemos à tona a potência dessa criação como agenciadora de novos afectos. Para Deleuze e Guattari (1995), "*afecto*" não se restringe a um simples sentimento ou emoção, mas refere-se à capacidade de um corpo, seja ele humano ou não, de afetar e ser afetado por outros corpos, fenômenos ou forças. A catástrofe ambiental, nesse sentido, potencializou em nós forças que desencadearam práticas colaborativas de reação ao evento e à sua urgência.

A narrativa criada pela autora Mariana Fim de Campos, sobre os sentimentos de crianças ao perderem suas casas nesse desastre, foi despertada por um *afecto* – uma força pulsante de ação criativa – e a partir dela emergiu a versão em Libras. Essas produções carregam a potência do encontro com outros corpos, com crianças surdas e ouvintes que, ao se depararem com essa obra, podem tecer em si novas linhas conectivas, promovendo conforto subjetivo e suscitando afectos distintos.

Divulgamos o material produzido de “Vicente e a Enchente”, em sua versão em Libras, para que pudesse ser compartilhado com as crianças surdas acolhidas nesse coletivo. A literatura surda em Libras tem sido promotora de reflexões e acolhimento significativo para as pessoas surdas. Essa produção pode ser inserida nesse contexto, ao tratar de um tema tão delicado e promover a identificação dos surdos com o personagem da história.

As videograções para crianças surdas, em sua textualidade diferida em Libras, trazem elementos específicos de edição que devem ser considerados na produção de materiais para esse público, sobretudo em fase de aquisição tardia de linguagem. Nesse sentido, as análises realizadas neste trabalho visam abordar essa dimensão, com o objetivo de auxiliar na formação de tradutores e intérpretes de Libras que atuam em produções dessa natureza, bem como editores de conteúdos dessa textualidade.

A descrição analítica desta produção busca traçar um registro que se constitui como uma cartografia, interessada nas linhas de força e nas produções subjetivas que essas práticas podem suscitar no encontro com o outro, assim como nas pluralidades de experiências que tais encontros promovem.

Agradecimentos

- Marina Fim de Campos - Autora de ‘Vicente e a enchente’;
- Universidade Federal de São Carlos (UFSCar);
- Departamento de Psicologia (DPsi);
- Curso de Graduação Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa;
- Programa de Pós- Graduação em Educação Especial (PPGEEs);

- Programa de Extensão: #CasaLibras: Programa educativo de atenção bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) virtual à crianças surdas.

Financiamento

PROEX: 23112.004320/2021-18

CNPq: 101801/2022-0

FAPESP: 2018/08930-0

FAPESP: 2023/12886-5

Referências

ABNT. NBR 15290: Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços. Rio de Janeiro, 2005.

Brasil. Alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para dispor a Modalidade de Educação Bilíngue de Surdos. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 22 fev. 2024.

Campello, A. R.; Rezende, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 2, p. 71-92, 2014.

Conceição-de-Andrade, B. S. *Regimes de verdade em territórios surdos: mídias sociais como dispositivos biopolíticos nos processos de subjetivação de vidas surdas*. Tese (Doutorado em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos). São Carlos. 2022.

Defesa Civil do Rio Grande do Sul. Estado lança serviço 24 horas de intérprete em LIBRAS no formato online. *Defesa Civil RS*, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://defesacivil.rs.gov.br/estado-lanca-servico-24-horas-de-interprete-em-libras-no-formato-online>. Acesso em: 19 jul. 2024.

Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995. 5 vols.

Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS). Nota de solidariedade à população do Rio Grande do Sul. *Blog Febrapils*, 18 ago. 2024. Disponível em: <https://blog.febrapils.org.br/nota-de-solidariedade-a-populacao-do-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). INES se solidariza com vítimas de enchentes e divulga campanha de doação da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul: colabore. *Governo Federal*, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/ines-se-solidariza-com-vitimas-de-enchentes-e-divulga-campanha-de-doacao-da-sociedade-dos-surdos-do-rio-grande-do-sul-colabore>. Acesso em: 19 jul. 2024.

Liddell, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, K.; Reilly, J. S. (eds.). *Language, gesture, and space*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum

Associates, Inc., 1995. p. 19-41.

Martins, V. R. O. Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "coronavírus" - COVID-19. *Anais do CIET: EnPED: 2020 - Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância*, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1328>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Martins, V. R. O. Reflexões sobre a educação bilíngue de surdos em escolas inclusivas nos anos iniciais do ensino fundamental. Relatório final de pesquisa enviado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com processo nº 2018/08930-0. São Paulo, 2020.

Martins, V. R. O. Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: educação bilíngue de surdos em escolas inclusivas. Relatório parcial de pesquisa de pós-doutorado em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós-doutorado Sênior, Processo: 101801/2022-0, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2023.

Nascimento, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 2, p. 461-492, 2017.

Nascimento, V. Tradução e interpretação audiovisual da língua de sinais (TIALS) no Brasil: um estudo de recepção sobre as janelas de Libras na comunidade surda. *Cadernos de Tradução*, v. 41, n. spe2, p. 163-201, 2021.

Nichols, J. *Literatura surda: além da língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

Peluso, L. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida / Deaf people, their languages and their registered textuality. *Traslaciones: Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura*, v. 5, n. 9, p. 40-61, 2018.

Peluso, L. Considerações teóricas sobre a educação de surdos: especial, bilíngue, inclusiva. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 2-22, 2019.

Peluso, L. *La escritura y los sordos: entre representar, registrar/grabar, describir y computar*. Área de Estudos Sordos/ TUILSU, 2020. Disponível em: <http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/peluso2020.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Sampson, G. *Sistemas de escrita*. Barcelona: Gedisa, 1996.

Soler, P. S. (Produtor). Vicente e a enchente. In: *#CasaLibras*. São Carlos: UFSCar, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_ZnPGJLqEg. Acesso em: 25 jul. 2024.

Soler, P. S.; Martins, V. R. O. *Língua Matrix e Língua Adicional: relações entre línguas e a experiência do aprender surdo*. Vol. 1, Edição 1. São Paulo: Dialética, 2024.

Stumpf, M. R. F. *Escrita de sinais: contribuições para o letramento e a educação de surdos*. Florianópolis: UFSC, 2017.

Recebido em: 19/08/2024

Aceito em: 06/11/2024